

LUIZ AMARAL

TÉCNICA DE JORNAL
E PERIÓDICO

4.^a edição

Amaral, Luis.

A515t Técnica de jornal e periódico / Luiz Amaral. —
4 ed. — Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro;
INL, 1978.

(Biblioteca Tempo Universitário; 20)

Bibliografia

- I. Jornalismo — Técnica I.
- II. Título III. Série

CAPÍTULO 2

CRÍTICA. CRÍTICA LITERÁRIA. CONDIÇÃO DO CRÍTICO. COLUNA DE TEATRO. CRÍTICA DE RÁDIO E TV.

A crítica é o ato de emitir julgamento sobre obra de arte, literatura e ciência. Crítico, alguém que enuncia juízos críticos, ou exerce a crítica — literária, de artes plásticas, de teatro, musical. Criticar uma obra é “avaliar seu mérito à luz do gosto do crítico, ou de um corpo de critérios de natureza estética, ou dos princípios da sã razão e do bom-gosto”. A fonte dos critérios ou padrões de julgamento é questão aberta em teoria crítica, e tem dado lugar a diversas correntes e escolas.

Surgido com as famosas cartas de Chapelain e Guez de Balzac, o jornalismo literário ganhou corpo com o *Journal de Savants*, fundado em 1665 por Denis de Sallo, onde se encontram as primeiras informações sobre livros novos. Posteriormente, o *Mercure Galant*, de Donnea de Visé, que aparece a partir de 1672, propõe-se, entre outras coisas, a dar o “julgamento que se fará de todas as novas comédias e de todos os livros de galanteria que se imprimirão”. A crítica jornalística está estabelecida.

Pertence a Saint-Beuve — assinalam J. C. Carlini e Jean C. Filloux — o primeiro esforço sério para fugir, a um só tempo, do absoletismo e das frases eloqüentes e vazias da retórica. Abandonando a crítica *avant-courrier*, em que se fazia a propaganda da escola romântica, Saint-Beuve preocupa-se, a partir de 1830, menos em julgar os autores que defini-los, de fazer seu *retrato* psicológico, moral e literário. A finalidade da crítica é, então, mais uma elucidação que propriamente um julgamento: prepara o público à leitura dos autores, isto é, “ensinar os outros a ler”.

De qualquer modo, julgamento implica uma escala de valores. Há o crítico que observar características principais da obra, defeitos e qualidades, o método utilizado pelo autor. O seu trabalho deve revestir-se de sensibilidade artística, de superior grau de receptividade aos valores estéticos, sem o que não pode apreciar e julgar a obra, sobretudo aquela que, afastada dos padrões tradicionais, traz a marca do trabalho inovador de criação e recriação.

CONDIÇÕES DO CRÍTICO

— Exercer a crítica — frisa Machado de Assis — afigura-se a alguns que é uma fácil tarefa, como a outros parece igualmente fácil a tarefa do legislador; mas, para a representação literária, como para a representação política, é preciso ter alguma coisa mais que um simples desejo de falar à multidão. Infelizmente é a opinião contrária que domina, e a crítica, desamparada pelos esclarecidos, é exercida pelos incompetentes.

Limitada evidentemente pelas exigências dos jornais que com mais liberalidade abre espaço ao crime e ao *divertissement* que às letras, embora sejam eles uma realização intelectual, a crítica literária — e, por extensão, a crítica de artes, em geral — deve submeter-se a uma série de requisitos, sem os quais perde a qualidade e o estado essenciais. São condições exigidas ao crítico no exercício de sua atividade:

1. ciência;
2. gosto estético;
3. imparcialidade;
4. tolerância;
5. urbanidade.

Ciência — O crítico precisa conhecer a matéria que trata, ser um estudioso, estar em dia com tudo o que se refira à sua especialidade. Seus juízos devem refletir o resultado de profundo saber, nunca uma opinião tateante lançada inescrupulosamente ao público. Seu trabalho põe em jôgo a reputação de uma personalidade, de sua vida e obra. Somente com o domínio completo da matéria assunto de sua especialidade estará em condições de fazer julgamentos.

Gosto estético — O gosto estético dá ao crítico maior grau de receptividade ao trabalho artístico. Não basta conhecer os fundamentos da obra de arte, a história,

nomenclatura, escolas. Há que saber selecioná-las segundo um critério de bom-gosto próprio. Há que identificá-las entre centenas, sobretudo quando, fruto de genuíno trabalho inovador, surge a seus olhos sem qualquer exemplo anterior para confrontação.

Imparcialidade — O crítico não pode sacrificar a sua opinião às conveniências próprias nem às dos outros. Deve julgar e elucidar com isenção de ânimo. Essa condição não se impõe, apenas, ao crítico, mas a todo jornalista. Não estar ligado a facções de qualquer espécie no momento em que começa a redigir seu trabalho é dever primordial de todo aquele que apresenta, interpreta e comenta fatos e realizações para o público. O crítico deve esforçar-se para pôr de lado, no instante mesmo em que pensa em julgar, suas amizades, antipatias, sentimentalismo. No jornalismo, tão funesto é o elogio ditado pelo interesse material quanto o panegírico inspirado na afeição.

Tolerância — Embora não aceite determinada temática e maneira de explorá-la, o crítico não se pode deixar levar por suas preferências a ponto de condenar tudo o que estiver fora dos padrões artísticos que constituem seu conhecimento e têm sua aprovação. O belo tem variação infinita e não se limita a esquema.

Urbanidade — A escolha dos termos, a maneira de fazer crítica devem ter sentido elevado. É dever do crítico escolher formas cavalheirescas para dizer a verdade sobre qualquer obra. Nada de expressões vulgares, de ataques pessoais, de desatenções. O autor e o público exigem respeito mesmo na condenação. E não há nada mais suscetível neste mundo do que a vaidade dos artistas.

A COLUNA LITERÁRIA

A crítica literária em rodapé semanal na imprensa brasileira teve autores de renome e prestígio, escritores dotados do mais elevado senso crítico e que fizeram, em jornal, não só crítica, mas história da cultura brasileira. A insatisfatória recompensa para os trabalhos que, além de tempo, exigem talento e pesquisa, fez com que os intelectuais procurassem outros campos de ação para difusão de seus conhecimentos. Ainda se faz crítica literária em diversos jornais brasileiros, mas sem aquela regularidade que a caracterizou em outros tempos.

Com o desaparecimento da crítica de rodapé, veio à luz a coluna literária. Para uns, seu advento se deve às

exigências da própria imprensa, já que o grande público aceita com mais facilidade a pequena nota, a informação sucinta sobre o livro e o autor, o comentário ligeiro, que a crítica extensa e profunda.

Levar ao conhecimento do público tudo o que se passa de importante no ambiente literário é a preocupação maior do colunista. Movimenta-se ele da editora à intimidade do escritor, presente a todos os acontecimento em que, de qualquer modo, tomam parte intelectuais, buscando a notícia fresca e anotando o comentário inteligente, a frase feliz, o projeto do romancista famoso. Ainda uma vez, as amizades colaboram com oitenta por cento para o sucesso do jornalista, fornecendo a nota em primeira mão, o *fuero*, e facilitando a confidência.

Assinala Lago Burnett (*Jornal do Brasil*) que o leitor, de um modo geral, espera um comportamento crítico permanente dos colunistas de jornal — inclusive literário — porém tal proceder nem sempre é possível, em face das limitações de ordem física, material, e eterna luta contra o relógio. Apreciação criteriosa de uma obra artística, científica ou literária, a crítica, mesmo que não seja profunda, exige trabalho tranqüilo, concentração, tempo — tempo, este grande inimigo do homem de imprensa. Inimigo de todos os jornalistas, é, sobretudo, do colunista literário.

Os processos de leitura dinâmica vieram em socorro do colunista literário que, a partir de agora, já tem condições para avaliar número muito maior de obras que antes. Até então, era ele, de todos os colunistas, o mais abandonado. O colunista de cinema pode assistir a um filme, dois, até três por dia, e comentá-los, em seguida, mesmo sem o compromisso de uma análise completa. O colunista teatral pode ver uma peça diariamente e criticá-la. Diante dos olhos dos cronistas de rádio e televisão, dezenas de programas desfilam, a todas as horas do dia e da noite. Mas, o colunista literário não pode ler um livro por dia e julgá-lo. Esta é uma das razões pelas quais o colunismo literário se limita mais ao noticiário.

— Se se objetiva realmente orientar o leitor — diz Lago Burnett — apresentando-lhe uma crítica, não de todas, é claro, mas das obras mais em evidência, haveria necessidade de uma equipe e não de um homem apenas para desincumbir-se da tarefa. Mas, aí, surgiria outro problema: ao público leigo, a grande maioria dos leitores a

quem se destinam as colunas do jornal, interessaria uma crítica altamente especializada, feita por expoentes? A linguagem dos entendidos dificilmente seria acessível à massa de leitores. Ao invés de atender à sua curiosidade, à sua necessidade de orientação, o jornal estaria criando barreiras à aproximação do leitor-livro.

O colunista literário não pode omitir-se, porém. Mesmo que enfatize em sua coluna a informação, o fato, a entrevista, o inquérito, o comentário ligeiro, há que atender à necessidade da crítica por grande parte de leitores, pois essa necessidade existe, é patente, e corresponde a um dos deveres do veículo de comunicação de massas. Mesmo que o julgamento da obra de arte não seja profundo, dadas as limitações de espaço do próprio jornal, deve ser feito regularmente.

— Uma coluna literária — observa Valdemar Cavalcante (*O Jornal*) — se faz — ou se deve fazer — com notícias. Mas, a notícia sobre um livro pode ser e deve ser a mais rica possível de informações. Um romance, por exemplo: a notícia pode referir desde o nome da editora, o número de páginas, o nome do autor da capa, o preço de venda, até o próprio enredo, em rápida súpula; até a história do romance — quando e como foi escrito. Está visto que a notícia, tal como a classifico, não exclui a opinião e o julgamento. Não é que deseje se estire o colunista em crítico. Mas não pode ele, falando de obras ou autores, eximir-se de dizer se a obra é boa ou má, se vale a pena lê-la, e dizer algo a respeito do autor — se acertou em cheio ou errou o alvo. O leitor de jornal, hoje, não quer ter, apenas, conhecimento do fato, mas saber o que ele representa, o peso que ele tem, o seu significado no contexto geral — seja no tempo ou no espaço. Então, o colunista, se não é bisonho ou frustrado, se tem gosto e bom senso, deve emitir cautelosa mas corajosamente sua opinião, sempre que julgar necessário. Ostensivamente, se quiser, com todas as letras, desde que a opinião não se sobreponha à notícia, nem a substitua, ou discretamente, mas nas entrelinhas — e isso aí começa a ser arte de jornalista ou de escritor feito jornalista.

A COLUNA DE TEATRO

Com relação ao teatro, a crítica brasileira apresenta um panorama bem alentador, pois, além de demonstrarem, de maneira geral, bom nível de conhecimento artís-

tico, os críticos estão livres da pressão econômica que torna tão difícil, por exemplo, a crítica cinematográfica. Essa isenção, todavia, não é completa. Livres da pressão econômica (as receitas dos jornais provenientes do teatro são infinitamente inferiores às provenientes do cinema), estão sujeitos a outra espécie de pressão, igualmente prejudicial ao desempenho da crítica, conforme tivemos oportunidade de acentuar: a pressão das amizades. Obrigado, por força da função, a entrar em contato constante com todos quantos se movimentam no meio teatral, o crítico termina por ser benevolente, tolerante, poupando, com o eufemismo ou o silêncio, os amigos medíocres e exagerando nos comentários as qualidades dos que se encontram acima da média normal.

Segundo opinião de Van Jafa (*Correio da Manhã*), uma coluna de teatro “deve ter o melhor sentido e sentimento de divulgação cultural, ou seja, aquilo que tentavam os enciclopedistas do século de Voltaire”. O aspecto informativo da coluna é por ele considerado secundário por haver colunas de teatro pagas pelos empresários onde são anunciadas todas as peças em cartaz.

— As notícias locais de *fofocas* teatrais ou diz-que-diz de bastidores são de importância relativa — acentua Van Jafa — Não deixo de fazer coluna noticiosa, mas sempre dou preferência a pequenas entrevistas com diretores, cenógrafos, figurinistas, dramaturgos, atôres, que revelam experiência e acontecimentos vivos. No dia em que o pano sobe marcando uma estréia, o leitor encontra minha coluna dedicada ao assunto com uma *crônica de lançamento* seguida de “tudo sobre a estréia de hoje”, onde, em linhas gerais, faço referências a todos os elementos que constituem o espetáculo: autor, tradutor, diretor, cenógrafo, figurinista, elenco, etc. Em seguida, procedo da mesma forma ao fazer a crítica: texto, cenografia, figurinos, intérpretes, o espetáculo — analiso elemento por elemento. Considero que uma crítica tem cabeça, tronco e membros. A análise de cada elemento do espetáculo facilitará a crítica e a compreensão do leitor. Sou dos que pensam que a crítica deve sempre ser feita de forma a que se possa manter depois o diálogo tanto com os mais beneficiados como também com os menos; jamais uso termos como *canastrão* ou chego à área dos problemas pessoais ou de vida privada. O ator deve ser julgado pelo que é e faz em cima do palco. Depois de emitida minha opinião, de feita a crítica, os outros dias são todos do

teatro, de ajuda ao teatro, pois teatro se faz com bilheteria. Publico fotografias, faço reportagens (sem adjetivação), tudo o que possa contribuir para a carreira da peça.

A CRÍTICA DE CINEMA

Não são poucos os que afirmam que, a rigor, a crítica cinematográfica não existe no Brasil. Segundo êsses, o que há são cronistas de cinema; informantes, repórteres, gente que vive o cinema na superfície, e em suas generalidades, incapaz, porém, de fazer uma análise profunda e correta de um filme ou de julgá-lo em qualquer dos seus aspectos.

As dificuldades para a formação básica do cineasta e do crítico cinematográfico brasileiros são, em verdade, evidentes. Sômente vocações irresistíveis, tipos predestinados pela natureza a uma função determinada na vida, estão em condições de resistir à caminhada, mesmo sabendo, de antemão, os obstáculos que terão pela frente. Glauber Rocha, autor de *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*, qualifica êsse esforço de "desumano":

— O crítico inicia-se geralmente nas colunas dos jornais estudantis e sobe gradativamente para os suplementos literários de grandes jornais ou páginas especializadas de algumas revistas. É muito pouco o que ganha, mesmo se consegue uma coluna profissional. O salário não é suficiente para pagar assinaturas de revistas indispensáveis como *Cahiers du Cinema*, *Téléciné*, *Cinema Nuevo*, *Films and Filming* ou *Sight and Sound*. Assim, o crítico cineasta e diletante vive em constante atraso com o núcleo dos acontecimentos cinematográficos. As idéias chegam envelhecidas ou superadas. A maioria dos críticos, em geral, se especializa em cinema americano, porque é mais fácil falar dêstes filmes sem maiores preocupações culturais. Se o crítico é ligado a distribuidoras estrangeiras, súbitamente domina um assunto particular: cinema japonês, cinema russo, cinema francês; é que, na maioria dos casos, fazendo corretagem publicitária entre seu jornal e determinada distribuidora, o crítico necessita subsistir. Cada crítico é uma ilha; não existe pensamento cinematográfico e justamente por isso não se definem os cineastas, fontes isoladas em intenções e confusões, algumas autênticas, outra desonestas. Teòricamente, o clima é de *vale tudo*; a partir de 1962, o que não era *chanchada* virou *cinema nôvo*.

Nem sempre se faz nos moldes acima a formação do crítico. Em numerosas oportunidades, os diretores e secretários de jornais escolhem seus redatores especializados sem se importarem se êstes tiveram, ou deixaram de ter, qualquer iniciação na matéria sôbre a qual passarão a falar com empáfia de especializados. Escalam um amigo a quem querem ajudar, um redator que tem "facilidade para escrever sôbre qualquer assunto" ou um outro que possui gôsto artístico, com o mesmo raciocínio que leva o homem de cultura mediana a discutir sôbre tudo e a olhar com desprezo as especializações verdadeiras.

O fato repete-se mesmo em países cuja imprensa procura manter alto nível de respeito. Conta-se que Lord Beaverbrook escolheu Milton Shulman para crítico cinematográfico de um dos melhores jornais do seu império, o *Standard*, de Londres, só porque ficou entusiasmado com a excelente reportagem que êle havia escrito sôbre a II Grande Guerra. O curioso é que Shulman, homem sério e competente, se interessou de tal modo pelo pôsto que chegou a ser, realmente, um dos grandes da crítica cinematográfica britânica.

Não provêm, apenas, da inaptidão de quem escreve as deficiências da crítica. As limitações do redator acrescentam-se as limitações do próprio jornal como organização comercial e suas conseqüentes preocupações de *deve e haver*. A influência das grandes companhias, de produtores e exibidores, que canalizam dinheiro para a Caixa das emprêsas jornalísticas, em forma de publicidade diária, é facilmente percebida na *boa-vontade* e no *espírito de tolerância* que se observam nos variados comentários.

Se o jornal insiste em ser imparcial, em julgar de acôrdo com os critérios puramente artísticos, a publicidade poderá interferir e exigir comedido. Então, só há dois caminhos a seguir: ou o redator pede demissão e tenta emprêgo em outro jornal (atitude que não é comum) ou se submete às exigências da emprêsa e cala (o caminho mais seguido).

RESPONSABILIDADES

A responsabilidade do crítico é grande. Ele responde perante sua própria consciência, perante o empregador e perante o público. Há, portanto, que ser honesto, realizando um trabalho de acôrdo com sua vivência, cultura e conhecimentos específicos da arte cinematográfica; há que

que apresentam ao leitor um texto que lhe sirva de guia e que lhe dê todas as informações necessárias.

Em trabalho publicado em *The Journal of the Screen Producers Guild*, Dick Richards apresenta outras responsabilidades do crítico cinematográfico que incluem:

1. nunca dar a conhecer o enredo, as peripécias, as situações e piadas em detalhe. É fácil escrever um artigo divertido e engraçado simplesmente furtando o material de escritores profissionais altamente pagos. Mas isso só prejudicará o leitor, pois a única maneira possível que os frequentadores de cinema têm de apreciar certos filmes é não saber como esses filmes vão acabar;

2. deixar que os leitores saibam o tipo do filme, se é comédia ou de *suspense* (ou quem sabe as duas coisas), se é um musical, uma história de amor, um *western*, um filme de guerra, um drama psicológico, etc. Em suma, acho que o crítico devia ser uma peneira ou um pedaço de papel de tornassol para seus leitores. Estes não têm o tempo, a inclinação ou talvez dinheiro para assistir a todos os novos filmes. É nossa tarefa cuidadosa dar-lhes alguma orientação quanto a se deveriam ou não arriscar o investimento de seu dinheiro numa particular fita de celulóide.

Dick Richards comenta, também, as responsabilidades do crítico com relação à indústria cinematográfica ("... o crítico deve tornar claro que, por mais feliz que se sinta com o progresso da indústria cinematográfica, ele não figura na fôlha de pagamento de nenhuma empresa de filmes, bem como não é um mascote do cinema"), e relaciona entre elas:

1. encorajar as pessoas na crença de que é um prazer e um estímulo visitar um cinema quando as fitas oferecidas merecem atenção; mas manter um olho vigilante sobre produtores e diretores que não se dão ao trabalho de fazer com que essas visitas ao cinema valham a pena, produzindo filmes mediocres que só estão atrás de ganhos fáceis;

2. não confundir escritos brilhantes e inteligentes com gracejos baratos. Nem todos temos a habilidade e o ímpeto verbal aguçado de uma Dorothy Parker. Em mãos menos experientes, algumas *piadas* não passarão de insultos vulgares, extremamente prejudiciais e capazes de invalidar, quando não exterminar, talentos latentes que

talvez estejam lutando em busca de sua realização. Convém nunca esquecer que as vítimas pouca chance têm de responder;

3. lembrar que os filmes são agora internacionais e que os bons (assim como os maus) vêm de muitas fontes. É fácil por vezes esquecer que Hollywood — apesar do que parece, em muita ocasião uma produção em massa, uma atitude puramente comercial para com a arte do cinema — ainda é a maior e mais fascinante fábrica de entretenimento para o grande público — e isso não é uma ironia, mas sim um cumprimento;

4. recusar-se a viver numa torre de marfim. Embora nosso interesse seja aquilo que parece na tela, é valioso conhecer as pessoas que fazem os filmes e, através dela, aprender algo das técnicas e dos problemas dessa arte.

CRÍTICA DE RÁDIO E TV

Também difícil para aquele que tem sob sua responsabilidade a coluna de rádio e TV é a posição puramente crítica. As amizades, a convivência com os produtores, diretores e artistas — sobretudo num meio ainda restrito, como o nosso — atuam com idêntica força na orientação dos comentários e um esforço muito grande torna-se necessário ao profissional para abstrair-se dessas influências.

Em sua profissão de fé, publicada sob o título *Lições de Crítica*, Fausto Wolff põe em evidência um outro fator mais perigoso que a *pressão econômica* e a *pressão da amizade*, porque a ele se submete o crítico sem dar-se conta, inconscientemente: "O amoldamento à cultura em que se atua, que o leva, no caso específico do rádio e da TV brasileiros, ao processo sub-reptício de embotamento artístico". Com a palavra Fausto Wolff:

— ... por mais sensibilidade que o crítico possua, diante de um programa medíocre como o é em sua totalidade o da televisão brasileira, o crítico também faz parte do ambiente e conseqüentemente está sujeito a deixar-se moldar segundo a cultura em que atua. Psicologicamente, basta levar em conta que o homem contemporâneo, de um modo geral, é passivo durante a maioria do seu tempo, digamos, de lazer. É um eterno consumidor que "aceita" bebidas, alimento, cigarros, conferências, panoramas, livros, peças, etc. Tudo isso é consumido, engolido sem maiores reclamações, pois desde cedo lhe ensi-

naram que consumir sem reclamar ou mesmo analisar é a sua parte a ser cumprida no contrato social assinado muito antes de ele surgir. O homem contemporâneo, enfim, não passa de um autômato disposto a ser influenciado de tôdas as maneiras e em quaisquer circunstâncias. Sua vida é guiada por refrãos publicitários em qualquer atividade: da comercial à artística, desta à amorosa.

Diante dessa realidade, o autor de *O acrobata pede desculpas e cai* — para espanto de muitos e aparentemente em contradição com sua função específica de crítico de TV — diz que procura, propositadamente, assistir a televisão o menos possível. Assim agindo, julga-se em melhores condições para transmitir ao público a sua opinião sobre os programas — ou pseudoprogramas que são levados ao ar — e desincumbir-se com mais probidade da função jornalística. Ainda êle com a palavra:

— ... Confesso aos leitores que antes de escrever sobre o assunto não costumava assistir a televisão, exceção feita aos programas jornalísticos ou a algum pronunciamento importante de alguma figura pública disposta a se fazer ver e ouvir. Acontecia, às vèzes, de encontrar-me com amigos de comprovada capacidade intelectual que, à noite, a fim de trocar o tédio, assistiam a televisão. Volta e meia recomendavam-me algum programa que eu corria a ver para em seguida, espantado, me desapontar. “Como pessoas de bom-gôsto podiam gostar de drogas como as que eu acabava de ver? — perguntava a mim mesmo. A resposta veio quando comecei a escrever sobre TV e a assistir vorazmente, cumprindo o que julgava ser o meu dever, a todos os programas: humorísticos, musicais, noticiosos, esportivos etc. Aos poucos — e isso ocorreu há menos de duas semanas — surpreendi-me achando razoáveis certas drogas que eu não pararia um instante para ver há dois ou três anos. Ocorria comigo o mesmo que acontecera aos meus amigos vedores irrecuperáveis de televisão.

Concluindo:

— Exatamente o que vocês estão pensando: eu — o crítico — também estava sofrendo o processo sub-reptício de embotamento artístico. Meu bom-gôsto, minha isenção crítica, estava sendo moldada pelos padrões vigentes da nossa TV e qualquer *piada* mais ou menos original parecia-me uma obra de arte. Neste momento resolvi dar o basta. Ora, se também sou passível de embotamento e pre-

tendo continuar analisando com o meu potencial de cultura, vivência, maturidade e não através de fórmulas que já aparecem prontas pedindo apenas assinatura, o que tenho a fazer é assistir a televisão de vez em quando. E — honestamente — é isso que faço para melhor analisar e recomendar.